

# BAHIA ANTIGA

## Pintores da Igreja da Ordem 3.<sup>a</sup> de S. Francisco . . . Por Marieta Alves

Em artigo publicado o ano passado, occupamos as pinturas da Igreja da Ordem 3.<sup>a</sup> de S. Francisco, antes da reforma interna, radical, do primeiro Templo levantado na cidade do Salvador, no século XVIII — colocação da pedra inicial em 1.<sup>o</sup> de Janeiro de 1702, e inauguração em 22 de Junho de 1703, há 256 anos justos, no dia de hoje.

Lamentavelmente, não chegaram até nós as pinturas primitivas dessa Igreja, de cujas paredes, cobertas de talha dourada, pendiam ricos painéis.

Dessa riqueza extinta, ficaram 2 primorosos medalhões pintados, que desconhecido mestre entalhador moldurou com arte, estilizando folhas de acanto e outros graciosos ornatos característicos do estilo em vigor — o barroco. Nem sabemos como estes magníficos medalhões escaparam à febre do novo, que grassou na Bahia ao despontar do século XIX.

Em 1826, vassoura indesejável varreu do interior da Igreja da Ordem 3.<sup>a</sup> preciosas mostra de arte, substituindo-a pelo conjunto neoclássico, que se deve ao entalhador José de Cerqueira Torres, conforme informamos em outra oportunidade.

Das pinturas atuais, a mais importante é a do teto apainelado da nave, esboçada e principiada pelo nosso grande pintor Antonio Joaquim Franco Velasco, nascido em 3 de Setembro de 1780, nesta cidade. Era filho legítimo de Matheus Franco da Silva e de Maria Francisca de Velasco, segundo informação do assento de batismo, realizado em 15 de Dezembro de 1780, na Igreja Matriz de S. Pedro.

Em 29 de Maio de 1831, durante a reunião da Mesa da Ordem 3.<sup>a</sup>, Velasco compareceu e apresentou as condições pelas quais se obrigava a executar, pela importância de

18:000\$000, pintura e douramento da Igreja, trabalho que a doença e a morte não permitiram concluirse, em virtude de seu falecimento, ocorrido em 3 de Março de 1833, contando apenas 52 anos e meio de idade.

E' difícil provar o que estava pronto, quando nosso artista interrompeu a grande obra, concluída por José Rodrigues Nunes, seu discípulo, certificando-nos disso a viuva Felliciana Delfina Velasco, no seguinte requerimento: "Rd.mo Snr' P.e Commissario, Ill.mos Snrs. Ministros e mais Membros da Veneravel Ordem 3.<sup>a</sup> de S. Fran.co

"Tendo D. Felliciana Delfina de Velasco examinado a conta corrente da Pintura e douramento que o seu falecido Mariço com esta veneravel ordem tratou, e que se acha finalizada segundo o ajuste por hua escriptura publica; é de seu dever significar a V. V. C. C. que está pela mencionada carta, menos nos dous seguintes artigos; e vem a ser — Primeiro no recibo de des mil r.s. incluido indevidamente em hum recibo do Adm.or que concluiu a pintura, J.e Roiz Nunes" . . . O mais não nos interessa, no momento".

José Rodrigues Nunes era, então, bem moço, uma vez que nasceu em 11 de Abril de 1800. Alcançou idade procveta, vindo a falecer em 27 de Novembro de 1881.

Para guarnecer as paredes internas da Igreja, despojada da talha repolhuda e caprichosa dos primeiros tempos, a Mesa da Ordem 3.<sup>a</sup> encomendou ao discípulo de Velasco, em 7 de Dezembro de 1734, a pintura do fundo da capela mor fingindo tela de ouro 4 grandes quadros pintados a óleo e 6 painéis para as bocas dos nichos. Os 4 quadros não se encontram mais no interior da Igreja. Julgamos que foram levados para o Consistório

onde já figuravam em 1886, quando foram retocados. Tudo leva a crer que a encomenda dos 6 painéis para as bocas dos nichos ficou sem efeito, como veremos logo mais.

A Igreja reabriu-se em 5 de Julho de 1835, com uma festa memorável. Para a solenidade religiosa, Damião Barbosa de Araujo compoz a "Musica para grande orchestra", que elle próprio regeu. O Arquivo da Ordem conserva esta composição.

Nossa suposição de que os 6 painéis encomendados a José Rodrigues Nunes não foram executados, funda-se na informação do Vigário do Culto Divino à Mesa, em sessão realizada em 19 de Maio de 1844. Disse elle que as imagens e nichos dos altares estavam expostos à introdução de ratos e de morcegos, mal que se evitaria com a colocação de vidros ou de painéis pintados a óleo, representando os santos respectivos.

Não é possível que em menos de 10 anos desaparecessem os ajustados com Rodrigues Nunes, pela importancia de 240\$000.

O documento seguinte prova que foi aceita a segunda sugestão do Irmão Vigário: "Recby do Snr. Ir. Sindico Minuel Je. Glz' Lemos a quantia de oitenta mil reis, pr. salto do ajuste de 240\$000 que fiz pela pintura dos paineis dos Altares da Igreja da mma. V. O. 3a. de S. Franco. Bahia, 11 de Janeiro d'1845.

José Theofilo de Jesus". Raramente utilizados, hoje, estes painéis se encontram na varanda que leva ao coro. Executou-os, nosso pintor, na última etapa da vida se, de fato, faleceu em 19 de Julho de 1847. A seu respeito sabemos que era filho legítimo de António Feliciano Borges e de Josefa Sant'Ana, informação colhida no as-

sento do casamento do artista com Vicência Rosa de Jesus, preta fôrra natural da Costa da Mina, realizado em 20 de Fevereiro de 1808, na Igreja de Sant'Ana.

Coube ao pintor bahiano João Francisco Lopes Rodrigues a incumbência de pintar 2 grandes telas para os claros da parede do arco cruzeiro, velho projeto da Mesa, somente realizado em 1875.

Providencialmente, o artista assinou e datou seu importante trabalho, uma vez que, no Arquivo, nada consta, por se tratar de oferta do então Ministro Joaquim Gomes de Pinho, segundo elle proprio declarou em ata e confirmou no relatório de sua gestão.

Uma dessas telas, à esquerda do observador, é cópia do quadro de Murillo — Santa Isabel de Hungria curando doentes — com pequena modificação ao fundo.

Das ricas molduras dos 2 painéis oferecidos, incumbiu-se o entalhador Galdino Francisco Borges, custando aos cofres da Ordem 3a. 1:200\$000.

Coube a José Antonio da Cunha Couto o encargo de fazer as últimas pinturas que, até o momento, ornaram o interior da Igreja da Ordem 3a. de S. Francisco.

O painel à direita, lado da Epistola, representa a tomada de hábito dos primeiros Irmãos da Ordem 3a. — o mercador Luchesió e sua mulher.

O da esquerda fixa uma passagem da vida de São Conrado, desconhecida para nós.

Voltaremos aos pintores João Francisco Lopes Rodrigues e José Antonio da Cunha, Couto, quando nos occuparmos das obras de arte da Sacristia e do Cláustro.